

As Igrejas Na China

Fortes impressões de uma pequena viagem

Walter Altmann

O jovem funcionário alfandegário, trajando o típico uniforme verde com gola vermelha, me atendia correta e discretamente. Algo curioso e surpreso ao verificar meu passaporte: "O senhor vem do Brasil?" Perguntou ainda se eu havia convertido o dinheiro chinês que me restara. Constatou que trazia comigo o relógio e o aparelho fotográfico que declarara ao entrar, e, sem revistar a bagagem, pediu que eu passasse. Eu disse-lhe: "O povo brasileiro e o povo chinês são amigos!" Um sorriso de espontânea alegria se espalhou pelo seu rosto. Uma mão franca se estendeu a mim: "Bem-vindo de volta à China!" Com esta última impressão entrei no trem com destino a Hong-Kong (para onde tinha ido participar de uma conferência teológica luterana), e daí de volta ao Brasil, depois de três dias de visita a Cantão, na República Popular da China.

O Brasil realmente ficava do outro lado do mundo. Com a vitória da Revolução em 1949 e o estabelecimento da República Popular da China foram radicalmente cortados os laços de dependência para com os países do exterior, em particular do Ocidente, condição básica para a efetiva independência da China e sua arrancada do estado de miséria. A Revolução Cultural, a partir de 1966, foi ao extremo de cortar praticamente todos os vínculos de comunicação e contato com o exterior (É naturalmente bom não esquecer que por largos anos o Ocidente tentara isolar por completo a China, negando-lhe, por exemplo, seu assento legítimo na ONU e boicotando-a economicamente). Pode-se dizer, portanto, com segurança, que a maioria do povo chinês cresceu sem jamais encontrar um estrangeiro. Lamentei muito não ter levado um "mapa-mundi", para mostrar de onde eu vinha, pois geralmente a designação "Brasil" não explicava muito. Devo realçar ainda que a maioria dos diálogos que mantive, foram, via inglês, com gente que encontrei ao acaso nas igrejas e ruas de Cantão, quando no domingo, com a concordância de nosso guia, abandonei a companhia do grupo de visitantes estrangeiros. À tarde visitei alguns monumentos históricos e parques, na companhia de um cristão que

falava inglês e que encontrara na igreja. Onde nos detínhamos, de imediato uma multidão curiosa e amigável nos cercava (sem dúvida, não só minhas feições ocidentais, mas também minha barba, que não divisei em chinês algum, serviam de atração).

Vindo de um país do Terceiro Mundo, pobre e dependente, sem dúvida é importante o conhecimento e o contato com a experiência chinesa. Sorvi cada minuto de minha breve estada em Cantão, como a inusitada oportunidade de olhar, embora só de relance, para dentro de um outro mundo: outro povo, outra cultura, outra tradição, outro sistema social, político e econômico. Foram impressões marcantes. A gente só pode se imaginar a fantástica obra de transformação deste país, habitado ainda há décadas por uma massa miserável e governado por uma elite opressora, aliada a interesses estrangeiros, em uma nação cujo povo vive modesta mas dignamente. Cada cantonês tem em média, três metros quadrados de área residencial para morar. O cristão que me acompanhou, dispunha de doze metros quadrados para si, sua mulher, seus três filhos e uma senhora de idade que deles depende. O guia de nosso grupo já era mais privilegiado: dispunha, junto com três colegas, de uma peça com dezesseis metros quadrados. Mas ninguém vive em praças ou debaixo de pontes e viadutos. Não vi um mendigo sequer, nem ninguém estava descalço. Respira-se a salutar ausência de supérfluos e sente-se como isso dá mais tempo para o trabalho, para o lazer, para o convívio, para o estudo. As ruas estão livres de carros particulares e entregues aos ônibus (apinhados mas baratíssimos) e, sobretudo, às milhares de bicicletas. Educação elementar e cuidados da saúde são algo a que todo chinês tem acesso. Parece que se percebe também os graves problemas econômicos provocados pela prepotência e centralização da Revolução Cultural, que o governo atual tenta superar com o programa das quatro modernizações a serem atingidas até o fim do século: na agricultura, na indústria, na tecnologia e na defesa nacional. Desenrolava-se também o momentoso processo contra Jiang Qing e a Camarilha dos Quatro, bem como contra o grupo de Lin Biao. Contudo, não quero me estender sobre esses aspectos, objeto de numerosos relatos e análises que temos recebido, dentre os quais se destaca, pela argúcia e criatividade, o livro "Henfil na China".

Há um campo que tem merecido pouca ou nenhuma atenção nos relatos publicados no Brasil: a vida dos cristãos e das igrejas. A eles procurei em minha visita em Cantão. Foi uma experiência, sem dúvida, não menos marcante do que as demais. Eu sabia, sucintamente, o seguinte: Após a libertação em 1949 e com o corte nas relações de dependência da China, também foram cortados os vínculos entre as igrejas na China e as igrejas e agências missioná-

nas do exterior, em particular ocidentais. Os numerosos missionários estrangeiros tiveram que abandonar o país. Criaram-se uma Igreja Cristã (protestante) e uma Igreja Católica Nacional, desvinculada do Vaticano, na China. O Movimento Patriótico das Três Autonomias (auto-governo, auto-sustento e auto-programação) fomentou a participação ativa dos cristãos no estabelecimento do socialismo e serviu de diálogo entre as igrejas e o governo. Havia, evidentemente, numerosos cristãos que eram anti-comunistas e que viam com suspeita essa colaboração. Esses limitaram seu culto às chamadas "igrejas domésticas" ou "igrejas de lares", uma tradição já existente entre os cristãos da China. Isso se registrou não só entre protestantes, mas também entre os católicos. De qualquer modo, se desenvolveram duas formas de cristianismo: de um lado, as duas igrejas nacionais constituídas, muitas vezes designadas de "igreja oficial" na polêmica ocidental; de outro, as numerosas igrejas domésticas, sem maior vinculação entre si e organização institucional. Ambas, porém, eram autônomas, voluntariamente ou por força das circunstâncias. É difícil saber que relações havia ou estavam se desenvolvendo entre dois grupos, e certamente havia variações regionais, desde uma amigável cooperação até uma tensa rivalidade.

A Revolução Cultural, iniciada em 1966, acarretou o repentino e violento fechamento e desapropriação de todas as igrejas, a proibição, total de qualquer culto público. Na ânsia de criar o novo ser humano (os chineses com que falei, interpretam hoje tudo como fruto da ânsia incontrolada de poder da Camarilha dos Quatro), a Revolução Cultural procurou erradicar violentamente todos os resquícios da velha ideologia burguesa, entre os quais naturalmente também se encontraria a fé cristã, bem como as demais expressões religiosas. As igrejas fechadas, seus pertences destruídos, pastores e padres conduzidos à execração pública e posteriormente ao campo para a "re-educação". No Ocidente por muito tempo se especulou se ainda havia cristãos na China, e quantos porventura seriam. Só restou aos cristãos, com riscos maiores ou menores, mas sempre consideráveis, a possibilidade das igrejas domésticas. Ao que tudo indica, os cristãos de ambas as proveniências, das igrejas nacionais desfeitas e das igrejas domésticas, se encontraram, em boa medida, na clandestinidade ou semi-clandestinidade. Não é de se supor que todas as reservas mútuas tenham sido vencidas, mas a experiência comum proporcionou a queda de uma porção de barreiras, por esse encontro inusitado entre igreja nacional e o que poderíamos chamar de "comunidades eclesiais de base espontâneas".

Com o fim da Revolução Cultural em 1976 o espaço de liberdade para o culto dos cristãos foi paulatinamente aumentando e, posteriormente, algumas igrejas foram sendo reabertas, processo que continua em andamento. A princípio houve a surpresa de que o número de cristãos em relação ao período antes da Revolução Cultural não decresceu muito na China. Posteriormente se avaliou que não houvera decréscimo algum. Hoje se diz que, em verdade, houve um sensível acréscimo. Mistérios da história, em que a fé divisa a ação de Deus. O Movimento Patriótico das Três Autonomias foi reconstituído, e tanto a Igreja Católica quanto a Igreja Protestante se organizam, em novos moldes. Pela experiência passada, parece haver agora uma base de suporte ainda mais ampla para essas organizações, embora não se possa esperar que todas as reservas tenham sido superadas. A Igreja Católica elegeu e instalou um novo bispo em Pequim, o que dificulta para o Vaticano uma eventual reconciliação, mas é expressão da autonomia alcançada. Os protestantes constituíram, em outubro passado, o Conselho Cristão da China.

Com esses conhecimentos, além de alguns outros detalhes, fui a Cantão, no Sul da China. Como disse, no domingo, dia 6 de dezembro, desisti do programa pré-estabelecido para visitar as igrejas. Em nosso grupo havia alguns outros cristãos americanos, católicos e protestantes. Com os primeiros me dirigi, pela manhã, à catedral católica reaberta há um ano, para participar da missa. À nossa chegada, uma pequena multidão de ciclistas e pedestres se comprimiu na rua fronteira à igreja. Alguns se identificaram como católicos e também se dirigiam à missa. Na catedral havia umas 300 pessoas, sobretudo velhos e jovens, relativamente poucos de meia-idade (Já era a segunda missa, pois a primeira fora rezada às seis da manhã, antes do trabalho). Liturgicamente, me vi transportado aos tempos pré-Vaticano II. O padre rezava a missa em voz baixa – lamentavelmente me esqueci de certificar-me se em latim, de frente para o altar e de costas para a comunidade. Não houve pregação. Na nave lateral toda a missa foi acompanhada por um coro de aproximadamente 30 pessoas. Os fiéis rezavam com extrema devoção, muitas das pessoas de idade com um rosário, quem sabe, guardado como perigoso tesouro em meio às vicissitudes da Revolução Cultural. Nos fundos se apinhava de pé um grupo compacto de curiosos, sobretudo jovens. Pela primeira vez neste dia perguntei-me pelo que atrai a esses chineses, no cristianismo e na igreja. Seria a curiosa pergunta pelo que haveria de tão perigoso nessa fé, para que tivesse sido proibida por mais de uma década? Ou, contrariamente, o que haveria de tão benéfico, para que tivesse sido execrada pela Camarilha dos Quatro? Ou então a procura de

um sentido maior para a vida? Ou o quê? A um homem, que se dirigiu para diante do altar, a eucaristia foi negada. O padre me explicou posteriormente tratar-se de alguém que ainda não era cristão. Após a missa diversas pessoas nos procuraram. Uma senhora de idade me perguntou se eu era padre. Será que me enganei na impressão de que ela estava ansiosa por encontrar um padre em situação regular com o Vaticano? Posteriormente, fomos recebidos pelos dois padres e alguns leigos numa sala de recepção. Nos fundos havia um prédio que abrigara em tempos passados um seminário. Fui informado que se está planejando a abertura de um seminário em Pequim. Quando mencionei a um dos padres ter lido que o Papa João Paulo II gostaria muito de visitar a China, ele me respondeu (indefinido por cautela?) que se alegrariam com sua visita.

Seguindo meu mapa e fazendo uso de gestos, tomei um ônibus até a zona leste de Cantão, onde se encontra a igreja protestante de Goshan, reaberta desde novembro de 1979. Os cultos são realizados aos sábados e domingos, ao meio-dia, possibilitando nessa pausa para almoço a participação daqueles que trabalham nas proximidades e não têm seu dia de folga nos fins-de-semana. A larga igreja esteve apinhada de gente (me falaram de 1500 pessoas). O canto (melodias americanas e alemãs conhecidas minhas) rolava entusiástico qual avalanche contida por muitos anos. O coro — à frente como nas igrejas americanas — era composto quase que exclusivamente de jovens. Aliás, havia muitos jovens na igreja. A pregação, pelo que me foi traduzido, partiu da divisão de Israel em 721 a. C. e coriduziu, através dos profetas, à vinda de Cristo (era época de Advento), o consolador, para exortar à unidade do povo e este a ir a Cristo, o protetor e consolador nas dificuldades. À noite visitei a Igreja Cristã de Sião (também protestante), localizada centralmente e reaberta há alguns meses. Outra vez apinhada (aproximadamente 700 pessoas), um índice maior ainda de jovens. Não pude me furtar ao pensamento: Esses são os filhos da Revolução Cultural! Outra vez o coro juvenil, o canto vibrante, a oração fervorosa. A pregação: Deus veio ao mundo para mostrar seu amor, mas não houve lugar para ele, a não ser numa estrebaria. Também hoje lhe vedamos o lugar por nosso pecado. Mas, como João Batista, há também os que lhe abrem caminho. Hoje a igreja está crescendo, embora na época da Camarilha dos Quatro não houvesse lugar para ela. Contudo, os cristãos não devem assumir o espírito de competição e divisão, pois não lutam para si, mas preparam o caminho para o Senhor. Assim devem ser um exemplo vivo, que é o meio adequado de preparar o caminho para Jesus.

Em ambas as igrejas tive oportunidade para falar com os pastores, na igreja de Goshan inclusive com o pastor Mateus Tang, um dos vice-presidentes do recém-fundado Conselho Cristão da China. Este foi constituído em Nanquim, onde se reuniram 176 delegados das mais diversas províncias chinesas, inclusive membros das minorias nacionais. O reverendo Ding, antigamente bispo da igreja anglicana, foi eleito presidente do Conselho. Ele é também o reitor do seminário de formação de pastores, reaberto, e vice-reitor da Universidade de Nanquim. O conselho se propõe a ser um foro em que os cristãos chineses cheguem a uma maior comunhão entre si, assumam a tarefa de, pelo Espírito de Deus, difundir autonomamente o Evangelho e intercambiem experiências. Trabalha em cooperação com o Movimento das Três Autonomias, mas entende-se como organismo pastoral, enquanto que aquele coordena a participação patriótica dos cristãos ("como dois braços de um corpo"). O Conselho reúne também membros de "igrejas domésticas", algumas das quais chegam hoje a contar com mais de 1000 membros, embora a maioria seja pequena (20 a 30 pessoas em média). Entre as tarefas concretas do Conselho se encontram:

- 1 – A impressão na China de hinários e da Bíblia (a maior parte dos exemplares existentes foi destruída durante a Revolução Cultural). Precisamente no domingo em que lá estive, estavam sendo distribuídos os primeiros exemplares do Novo Testamento recém-impreso, para a alegria dos cristãos. Aguardavam até o Natal os primeiros exemplares da Bíblia integral.
- 2 – A reabertura do seminário de Nanquim. Estavam na fase de seleção de candidatos. De Cantão havia 10, de uma província da China (Fujen?) nada menos de 500! Mas há apenas 40 vagas anuais. Assim se está planejando um curso por correspondência.
- 3 – A publicação de uma revista e encontros para intercâmbio de experiências nas diversas províncias.

Mais algumas informações obtidas: O sustento das igrejas e dos pastores se dá pelas ofertas dos cristãos e pelo pagamento de arrendamentos e compensações pelas igrejas tomadas durante a Revolução Cultural. – Os cristãos sofreram muito durante a Revolução Cultural? Resposta: Houve sofrimento (em outra ocasião alguém me contou que o pastor Tang foi um dos que mais sofreu), mas não se trata de abordar essa questão como de sofrimento específico dos cristãos. Numerosos membros do Partido Comunista também sofreram e até morreram. Aliás, essa experiência comum estaria dando oportunidade para melhor compreensão, respeito e cooperação

mútuas entre cristãos e não-cristãos do que antes da Revolução Cultural. (Esta também foi, juntamente com a realidade das comunidades de base, embora como aspectos peculiares, a mais próxima analogia que encontrei com a situação dos cristãos na América Latina, hoje). Só na igreja de Goshan estavam arrolados 474 candidatos ao ingresso na Igreja. Como explicar o crescimento da Igreja na China, em particular entre os jovens, apesar da Revolução Cultural? Resposta: "Nós também nos perguntamos. Em última análise foi graça de Deus. As igrejas estavam fechadas, mas o Espírito de Deus se desincumbiu da tarefa." – Ainda uma constatação: Esses cristãos olham para a frente e estão otimistas com o futuro. Não haveria reticências por parte de cristãos de igrejas domésticas? A resposta foi: Com a paulatina abertura das igrejas, esses cristãos estão vindo a elas. Mas o sorriso de meus interlocutores me revelou que se trata efetivamente de um processo em andamento. No passado, a China já reservou algumas surpresas para os observadores estrangeiros, e ninguém poderá saber ao certo o que o futuro trará. Uma coisa, porém, se me ressaltou como evidente: Esses cristãos são chineses, fiéis a seu povo e dispostos a dar a sua contribuição para o desenvolvimento de seu país. Não vêem incompatibilidade entre essa tarefa e o testemunho de sua fé cristã, embora no passado tivessem sido suspeitos aos radicais de esquerda e, antes da libertação, de fato tenha havido uma dominante ingerência ocidental. É importante que igrejas e organizações missionárias saibam respeitar esta realidade e não caiam na tentação de querer se aproveitar da crescente abertura na China para a tentativa de restabelecer vínculos de dependência. Esse seria um péssimo serviço aos irmãos na China. A tarefa da vivência e da pregação da fé cristã na China cabe aos próprios chineses. O exemplo que eles têm dado é digno de nota e nos remete para a tarefa que temos, como cristãos, em nosso próprio meio. A fraternidade que nos une, de qualquer modo ultrapassa fronteiras. "Oremos um pelo outro!" me foi dito inúmeras vezes neste um dia, 6 de dezembro de 1980.

Não posso encerrar este relato sem lembrar Wan Baoping, aquele cristão, intérprete de profissão, que me acompanhou à tarde pela cidade de Cantão e nos cultos protestantes. Indo para casa – em sua rústica e resistente bicicleta, é claro –, enquanto eu comia alguma coisa no mercado público de Goshan, retornou de ônibus para me acompanhar, não sem me trazer um casaco, porque a temperatura caíra. Possivelmente não tivesse mais do que dois. Por que também? "Quem tiver duas túnicas, reparta com quem não tem". (Lucas 3.11). Este gesto espontâneo guardo como símbolo da amizade chinesa e fraternidade cristã.

COMUNICAÇÕES

A partir do presente número "Estudos Teológicos" passa a oferecer a seus leitores breves "comunicações", cuja finalidade é a de possibilitar um panorama do que acontece na Faculdade de Teologia da IECLB.

I Semestre 1981

1. A Faculdade de Teologia da IECLB iniciou o ano de 1981 com culto, oficiado pelo P. W. Buchweitz, a 8 de março. Na ocasião foram saudados os 241 estudantes da casa.
2. **Novos Professores.** Desde março de 1981 a Faculdade de Teologia conta com a colaboração de dois novos professores. André Droogers é o novo titular da cadeira de Ciências Religiosas e Álvaro Valls Montenegro novo titular da cadeira de Filosofia.
3. **Professor hóspede.** No primeiro semestre de 1981 a Faculdade de Teologia contou com a visita do Prof. Dr. Klaus Nürnberger, Pretória/União Sul-Africana, que além de proferir duas conferências públicas ("África do Sul, área de conflitos" e "Igreja na Africa do Sul"), dirigiu seminário.
4. **Nova Diretoria do Centro Acadêmico Dr. Ernesto Schlieper.** O órgão representativo dos estudantes da Faculdade de Teologia tem nova diretoria. Foi eleito presidente do CADES, o acadêmico de teologia Leonídio Gaede.
5. **Encontro de "Proclamar Libertação".** De 4 a 6 de março de 1981 a Faculdade de Teologia sediou mais um encontro dos colaboradores de "Proclamar Libertação". Na ocasião foram preparados os auxílios homiléticos que deverão fazer parte do Volume VII desta publicação e o Suplemento que se ocupará com o Catecismo Menor de Lutero.
6. **Os hinos do servo de Javé.** Com este título Frei Carlos Mesters desenvolveu seminário intensivo na Faculdade de Teologia, entre os dias 2 e 6 de março de 1981.
7. **Profecia — Igreja e Estado.** O ciclo de palestras, realizado na Faculdade de Teologia no primeiro semestre de 1981, versou sobre o tema: "Profecia — Igreja e Estado". Além de professores da casa, participaram como conferencistas o Pastor Orvan-

dil Barbosa, o Pastor Presidente Augusto E. Kunert e Dom Ivo Lorscheider. Algumas das conferências serão publicadas em "Estudos Teológicos" 2/82.

8. **Encontros ecumênicos.** No primeiro semestre de 1981 representantes do Corpo Docente da Faculdade de Teologia estiveram participando de encontros com o Corpo Docente do Seminário Concórdia, de Porto Alegre, e com professores católico-romanos do Seminário de Viamão e do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da PUC de Porto Alegre. Temas destes encontros foram "Lutero e a Escritura Sagrada" e "Eclesiologia".
9. **Despedidas.** A Faculdade de Teologia da IECLB teve que se despedir de dois professores que voltaram a sua terra de origem. Trata-se do Dr. Erhard Gerstenberger e do Dr. Wilhelm Hüffmeier. Gerstenberger assumiu cátedra na Universidade de Giessen, Alemanha e Hüffmeier voltou a pastorear sua congregação em Berlim.
10. A 17 de junho **Dom Pedro Casaldáliga** proferiu palestra na Faculdade de Teologia com o título "Espiritualidade".